



CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E TÉCNICAS DA UTILIZAÇÃO DO GRUPO NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

THEORETICAL AND TECHNICAL CONSIDERATIONS OF USING GROUPS IN SCIENTIFIC INQUIRY

CONSIDERACIONES TEÓRICAS Y TÉCNICAS DE LA UTILIZACIÓN DEL GRUPO EN LA INVESTIGACIÓN CIENTÍFICA

Denize Bouttelet Munari^I

Elizabeth Esperidião^{II}

Marcelo Medeiros^{III}

Carolyn Marie García^{IV}

RESUMO: A utilização do grupo como estratégia para coleta de dados em pesquisa constitui importante instrumento por uma série de vantagens. No entanto, é fundamental o domínio de conceitos básicos da dinâmica de grupo, já que a situação grupal na coleta de dados pode gerar movimentos pouco conhecidos para pesquisadores que não possuem experiência no manejo de grupos humanos. Este artigo tem como objetivo apresentar considerações sobre uso do grupo como técnica de pesquisa, baseado na literatura especializada e experiência dos autores. Para essa discussão, focamos alguns fundamentos da dinâmica de grupo que alicerçam esse processo e ainda o planejamento, organização, desenvolvimento, transcrição do material, vantagens e desvantagens do uso dessa estratégia. Concluímos que o manejo dessa técnica exige conhecimento e habilidade para garantir a qualidade, confiabilidade dos dados, sendo que o contrário pode levar à banalidade da técnica e graves prejuízos para a investigação.

Palavras-chave: Estrutura de grupo; pesquisa em enfermagem; coleta de dado; grupo social.

ABSTRACT: The use of groups as a research data collection strategy is an important resource offering a series of advantages. However, it is fundamental to master the basic concepts of group dynamics, because the group situation in data collection can generate movements unknown to researchers with no experience of coordinating and conducting human groups. This paper draws on the specialized literature and the authors' experience to examine the use of groups as a research method. For that purpose, it focuses on some principles of group dynamics that underpin the process, and also the related planning, organization, application, data transcription, and the advantages and disadvantages of using this strategy. It concludes that handling this technique demands knowledge and skill to ensure quality, reliable data, otherwise it can trivialize the technique and seriously impair the research.

Key words: Group structure; nursing research; data collection; social group.

RESUMEN: El uso del grupo como estrategia para recolección de datos en investigación científica es recurso importante debido a varias ventajas. Sin embargo, es fundamental el dominio de conceptos básicos de la dinámica de grupo, una vez que la situación grupal en la recogida de datos puede generar movimientos desconocidos para investigadores que no tienen experiencia para la coordinación y manejo de grupos humanos. Este artículo tiene como objetivo presentar consideraciones sobre el uso del grupo como método de investigación, basado en la literatura especializada y en la experiencia de los autores. Para esa discusión, enfocamos algunos principios de la dinámica de grupo que fundamentan ese proceso y también el planeamiento, la organización, desarrollo, transcripción de los datos, las ventajas y las desventajas usando esa estrategia. Concluimos que el manejo de esa técnica exige conocimiento y capacidad para garantizar la calidad, confiabilidad de los datos, siendo que el contrario puede llevar a la banalidad de la técnica y provocar serios daños a la investigación.

Palabras Clave: Estructura de grupo; investigación en enfermería; recolección de dato; grupo social.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do ser humano é construído a partir dos constantes questionamentos que visam encontrar respostas sobre o mundo em que vive.

Nessa busca, o espírito humano é acompanhado da grande dúvida sobre a natureza do mundo e, ao mesmo tempo, da certeza da falibilidade de suas per-

^I Enfermeira. Prof^a. Dr^a. Titular da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Psicodrama e Dinâmica de Grupo – SOBRAP/GO. E-mail: denize@fen.ufg.br

^{II} Enfermeira/Psicóloga. Prof^a. Dr^a. Adjunta da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás.

^{III} Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Professor Associado da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás.

^{IV} PhD, MPH, RN. Assistant Professor. School of Nursing. University of Minnesota. Minneapolis. MN, USA.

cepções¹. Assim, a observação atenta e criteriosa da realidade, a atenção aos problemas que afligem a vida no planeta e a preocupação com os valores, crenças e atitudes humanas instiga a construção do conhecimento, o desenvolvimento da ciência e da inovação tecnológica². Esse movimento é alimentado pela curiosidade humana, pelos desafios de buscar o novo e as soluções para os problemas da humanidade.

Para Minayo^{3,4}, a *griffe* em qualquer trabalho de investigação científica está diretamente relacionada à criatividade do pesquisador. Teoria, método e criatividade uma vez combinados “produzem conhecimentos e dão continuidade à tarefa dinâmica de sondar a realidade e desvendar seus segredos”^{3:7}.

A caracterização da pesquisa desenvolvida pela enfermagem brasileira tem sido alvo de estudos de pesquisadores⁵⁻⁸ que apontam grandes desafios para o aprofundamento dessa área, particularmente no que se refere ao desenvolvimento de teorias e métodos que fundamentem a ação de pesquisa que possam, por sua vez, atender as reais necessidades básicas de saúde da população.

Assim, considerando nossa experiência e formação para o manejo de grupos no contexto da assistência, ensino e pesquisa, pretendemos neste artigo de atualização apresentar algumas considerações sobre o uso do grupo como técnica de pesquisa. O propósito é levantar alguns pontos fundamentais sobre a dinâmica de grupos que, na maioria das vezes, são negligenciados por pesquisadores que usam essa estratégia na coleta de dados.

O GRUPO COMO FERRAMENTA PARA A PESQUISA

O desenvolvimento de pesquisas com enfoque no grupo humano nasce com os trabalhos de pesquisa de Kurt Lewin ao estudar a natureza, singularidade, sistematização e observação da vida do próprio grupo⁹. Lewin foi também o responsável pela criação do termo dinâmica de grupo (DG), que diz respeito aos movimentos existentes no contexto grupal. Para o autor, o pesquisador, ao se dedicar ao estudo da DG, consegue focar a vida dos micro-grupos e suas peculiaridades¹⁰. Suas descobertas levaram-nos a conhecer suas leis e regras próprias, seu funcionamento e dinâmica.

Assim, quando nos referimos à utilização do grupo como técnica de pesquisa, consideramos que, ao focalizar a pesquisa no contexto grupal, é fundamental a observação dos pressupostos da dinâmica de grupo, não para torná-los o foco da pesquisa, mas

fatores que podem interferir no resultado da mesma. Nesse sentido, o pesquisador devidamente munido desse conhecimento tem mais condições de garantir a consistência e fidedignidade de seus dados, bem como dos objetivos da investigação.

De modo geral, as técnicas de coletas de dados organizadas no contexto grupal consistem em estratégias únicas para uma pesquisa ou como complemento de outros instrumentos como observação, entrevista individual, sendo mais comum o seu uso em métodos qualitativos de pesquisa⁴.

A utilização desse tipo de técnica é bastante adequada à abordagem de grupos sociais atingidos coletivamente por fatos ou situações específicas⁴. Os grupos podem ser úteis por transportar os entrevistados para o seu próprio mundo ou situação^{11,12}.

As técnicas de coletas de dados realizadas através do grupo têm em comum a interação do pesquisador e sua equipe junto a pequenos grupos e recebem várias denominações. Apenas como exemplo, citamos algumas denominações de técnicas destacando: o grupo focal¹³, a discussão em grupo^{3,4}, a entrevista coletiva e sociodrama¹⁴, a entrevista grupal com um foco¹⁵, as oficinas ou *workshops*¹⁶, a entrevista semi-estruturada coletiva¹⁷, o painel de consenso, os grupos naturais e as entrevistas comunitárias¹².

Embora a denominação se refira a termos distintos, na realidade, suas características são semelhantes, com exceção de técnicas específicas como o sociodrama, que é fundamentado no psicodrama de Moreno¹⁴ e o grupo focal¹³ que é estruturado em um esquema específico de ação.

Acreditamos que o uso desses recursos terá mais êxito se os pesquisadores tiverem conhecimento específico sobre o funcionamento de grupo, particularmente em função das hipóteses levantadas por Lewin⁹ sobre a dinâmica dos pequenos grupos, pois para o autor

[...] o grupo constitui o terreno sobre o qual o indivíduo se mantém; o grupo é para o indivíduo um instrumento. Isto significa que o indivíduo mais ou menos consciente utiliza o grupo e as relações sociais que mantém em seu grupo como instrumentos para satisfazer suas necessidades psíquicas ou suas aspirações sociais; o grupo é uma realidade da qual o indivíduo faz parte, mesmo aqueles que se sentem, ignorados, isolados ou rejeitados; o grupo é para o indivíduo um dos elementos ou dos determinantes de seu espaço vital^{9: 54-55}.

Assim, mesmo que a utilização do grupo para pesquisa seja pontual e específica, onde o encontro é intencional, planejado, estruturado e com objeti-

vo definido para coleta de dados, esses pressupostos estarão gravitando em torno da atividade e precisam ser considerados para sua melhor compreensão e análise dos dados que obtiver a partir do grupo. A garantia dos aspectos estruturais que envolvem a constituição do grupo e dos elementos essenciais ao seu funcionamento, como comunicação humana, autoridade no grupo e autenticidade nas relações⁹, validam os resultados da investigação.

De modo geral, os aspectos técnicos operacionais que envolvem o desenvolvimento de grupos com a finalidade de pesquisa devem ser cuidadosamente pensados, por isso discutimos a seguir o planejamento, organização e desenvolvimento dessa atividade.

PLANEJAMENTO

A coleta de dados que é realizada através de um grupo, como técnica em si ou complementar, deve ser adequada ao objeto de estudo. O planejamento e organização da coleta de dados devem prover condições mínimas para sua execução, bem como a calibragem da equipe de pesquisadores para o manejo grupal e a definição de papéis durante a coleta de dados (coordenador ou facilitador do grupo, coordenador e apoio de registro de dados)¹¹.

Um quesito estratégico para o êxito da pesquisa que utiliza esse recurso é o domínio da coordenação de grupos, pois o tipo do vínculo estabelecido entre coordenador e membros do grupo, nesse caso, os participantes da pesquisa, se constitui fator responsável pelo sucesso ou fracasso da atividade¹⁸.

É fundamental que tenhamos clareza das forças que gravitam no interior do grupo, quer sejam impulsivas ou restritivas sempre presentes na dinâmica grupal¹⁰, uma vez que, se os sujeitos estarão em interação contínua, é inevitável o envolvimento de sentimentos, percepções, valores e conhecimentos. Embora tais aspectos não sejam planejados pelo pesquisador, eles podem ocorrer, pois todo grupo desenvolve processo único que pode gerar situações nem sempre previsíveis. Não é possível impedir a emergência de sentimentos de desconforto, conflitos, resistências ou silêncio¹⁹.

ORGANIZAÇÃO

Alguns detalhes são fundamentais na fase de organização da coleta de dados quando utilizamos o grupo como técnica de pesquisa. Estes devem ser previstos por determinarem um melhor funcionamento do grupo.

Composição do grupo e seleção de participantes

A utilização do grupo como técnica de pesquisa serve para abordar grupos sociais específicos (professores e ou alunos de uma escola, usuários, profissionais de saúde, comunidades, etc.) e os fatos ou situações vivenciadas por eles⁴. A composição e seleção dos participantes devem ser definidas de modo que represente da melhor maneira possível o grupo em estudo. Por princípio, os componentes do grupo devem estar participando por vontade própria, sem indicações tendenciosas ou pressões de instituições ou chefias.

O número de componentes deve prever uma quantidade de pessoas que garanta o mínimo de conforto visual, melhor controle da discussão e do fluxo de informações que está sendo observada. A indicação de 12 a 15 participantes é comum na literatura especializada^{4,9,11,13,18}. A experiência tem mostrado que grupos com muitos participantes requer atenção redobrada do coordenador em função do volume de informações registradas e analisadas.

A definição do número de participantes deve garantir a preservação da integração do grupo e vínculo com o pesquisador, pois o movimento de cada grupo é único, independente do número de vezes em que este se reúna.

Local

O espaço destinado ao encontro do grupo deve ser em ambiente arejado, confortável, acolhedor e limitado quanto ao oferecimento de estímulos que propiciem constrangimento ou dispersão dos participantes^{11,13,18}. O local deve prover condições de infraestrutura física e materiais necessários, como cadeiras, almofadas, papel, canetas, outros materiais, que atendam a todos e facilitem não só a acomodação das pessoas, mas evite contratempos que possam colocar em risco o manejo do grupo e, conseqüentemente, a pesquisa.

É importante evitar ambientes ruidosos, pois o desempenho de equipamentos de gravação em uma sala vazia pode ser completamente modificado com a sala lotada, com pessoas falando.

Números de encontros e tempo de duração

Esses aspectos devem ser cuidadosamente estudados uma vez que dependem do objetivo do estudo e do universo a ser pesquisado. É unanimidade entre os estudiosos sobre o tema que devemos trabalhar com diferentes grupos do universo a ser estudado, ou, se for o caso, fazer reuniões em número sufi-

ciente para permitir ampliação e detalhamento do tema estudado. A sistemática repetição de idéias ou informações é um indicio de que a coleta foi eficiente, tal como nas entrevistas individuais^{11,13}.

Há situações em que um único momento grupal é suficiente para o levantamento e discussão de questões que explorem o tema de forma tal que o objetivo seja atingido pelo pesquisador.

A duração dos encontros dependerá da dinâmica estabelecida no grupo, devendo ter flexibilidade relativa, pois cada grupo tem ritmo e movimentos próprios. Quando trabalhamos com grupos é importante destinar parte do tempo para o aquecimento do grupo para a tarefa e outra para as demais questões pretendidas na coleta, sendo que é necessário no mínimo uma hora e no máximo três horas, de modo geral^{13,18,20,21}.

A coleta de dados em grupos não é uma atividade em que, reunidos alguns sujeitos, solicitamos e coletamos informações e ponto final. Lewin¹⁰ já sinalizava que para muitos temas é necessário aproximação e estabelecimento de vínculo entre o pesquisador e o grupo, o que implica responsabilidade ética do mesmo frente às demandas do grupo. O pesquisador deve respeitar as necessidades do grupo, desenvolver interações satisfatórias ao objetivo da investigação, porém sem negligenciar as expectativas do grupo.

A coleta e registro dos dados

O momento da coleta de dados deve ser precedido de preparativos que garantam o registro dos dados de modo fiel aos fatos gerados pela dinâmica do grupo. Dependendo da técnica a ser utilizada, é necessário o estabelecimento, por exemplo, de um guia de temas como para a realização do grupo focal ou da organização de questões que atendam aos objetivos do estudo^{20,21}.

Se houver permissão para gravação em áudio e/ou vídeo, é fundamental teste anterior dos equipamentos, verificação da capacidade dos mesmos registrar dados nas condições mínimas para um grupo em funcionamento. Nem sempre um gravador usado para entrevistas individuais permite o registro claro de um grupo de pessoas falando, nesse caso, usamos mais de um gravador colocado em pontos estratégicos do local onde acontece a coleta¹⁸.

Caso não haja permissão para o registro gravado, o pesquisador deve solicitar licença para o registro escrito das falas dos membros do grupo, sendo conveniente ter uma pessoa especificamente dedicada a essa tarefa.

Se em última instância, os membros do grupo não permitirem o registro durante o encontro do grupo, é fundamental que esse seja feito imediatamente após a coleta. Nesses casos, é imprescindível a presença de auxiliares que auxiliem a anotação de pontos essenciais na discussão.

Vale destacar a necessidade de proposição do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a todos os participantes do grupo e atendimento à regulamentação da pesquisa que envolve seres humanos.

DESENVOLVIMENTO

O início do encontro é dado pela intervenção do pesquisador que deve estabelecer clima propício ao desenvolvimento da atividade, podendo ou não passar por breve apresentação do grupo, dependendo da origem dos componentes e do objetivo do estudo. O aquecimento do grupo para a tarefa mobiliza para o que vai acontecer e é estrategicamente conveniente no estabelecimento da confiança e disponibilidade entre as pessoas¹⁸.

As relações estabelecidas entre os membros do grupo são fundamentais ao bom funcionamento grupal, favorecendo a coleta de dados. Isto é também tarefa importante do pesquisador, pois, no momento em que percebe as interações, ele estimula e mobiliza a confiança do grupo, no sentido de torná-lo de fato um grupo e não apenas um agrupamento de pessoas.

Na tarefa de mediador da discussão, o pesquisador deve estar atento para permitir que os indivíduos se expressem de modo espontâneo, evitando interpretações desnecessárias sobre o conteúdo discutido, lembrando que sua tarefa é ajudar o grupo a expor suas percepções, opiniões, sem interferir ou julgar o conteúdo das falas, garantindo assim a fidedignidade das informações.

Nesse sentido, é fundamental ao pesquisador ter conhecimento sobre a dinâmica dos grupos, para apreender seus movimentos e necessidades, estando atento ao mesmo tempo ao seu objetivo na coleta de dados. É ainda indispensável a presença de um auxiliar nessa tarefa, que, dependendo da técnica utilizada para coleta, já é um elemento previsto.

A formação do pesquisador, assim como sua experiência na condução de grupos, pode facilitar essa tarefa, que exige do profissional flexibilidade o suficiente para perceber o grupo e adequar o alcance do seu objetivo ao perfil do mesmo, não sendo maestro nem juiz, não colocando suas opiniões ou influenciando o grupo para questões do seu interes-

se, mas sendo capaz de manter a coesão do grupo e garantindo a legitimidade da sua fala^{18,19}. A questão do preparo do pesquisador para atuar nesse contexto de pesquisa também é destaque em outros trabalhos já publicados sobre o tema, o que mostra que não se trata de preciosismo acadêmico, mas de rigor metodológico e responsabilidade social²¹⁻²³.

TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO

A análise do material produzido pelo grupo será facilitada se as etapas anteriores do processo forem preservadas e atendidas de acordo com as recomendações básicas já referidas. Embora o que seja necessário analisar é a fala do grupo, vale a pena, na transcrição, a identificação das falas específicas dos sujeitos e as interações presentes na discussão de modo geral. A análise, geralmente, é conduzida de acordo com o referencial teórico- metodológico definido pelo pesquisador, sendo mais comum a análise do conteúdo das falas, da interação do grupo e do processo grupal quando este for o caso.

A transcrição de dados colhidos em grupo é muito mais trabalhosa que aqueles advindos de entrevistas individuais, porque por vezes, mais de uma pessoa fala ao mesmo tempo dificultando a nitidez e compreensão das palavras emitidas. Nem sempre é possível identificar a pessoa que está se pronunciando, o que nem sempre é relevante quando a pretensão é apreender a fala coletiva.

VANTAGENS E LIMITAÇÕES

A utilização do grupo como técnica de pesquisa tem se tornado escolha comum entre pesquisadores da área da saúde por contar com algumas vantagens que as entrevistas individuais não alcançam, particularmente para determinados objetos de estudo. Uma entrevista de grupo permite ao investigador acesso à interação entre os participantes e entre o pesquisador e os entrevistados^{10,11}. Essa pode ser uma vantagem apontada para o uso do grupo, por facilitar o acesso ao cotidiano das pessoas no seu próprio ambiente.

Na área da saúde, em especial, isso se torna vantajoso se considerarmos a importância de alcançar não apenas aquilo que as pessoas pensam sobre os temas relacionados à área, mas como a saúde é "produzida e reproduzida nas situações sociais naturais"^{11:114}. Quando grupos são utilizados na avaliação de serviços de saúde, eles permitem a observação não só de temas mais

emergentes, mas das relações de poder e influência que permeiam a situação analisada¹¹.

Outra vantagem é o fato de que alguns temas mais delicados, como a satisfação com a qualidade dos serviços, são mais facilmente tratados pelos sujeitos da pesquisa quando no contexto do grupo¹¹. Segundo Lewin¹⁰, isso se explica pelo movimento de coesão do grupo que fortalece e impulsiona a união para que as pessoas possam tratar no grupo assuntos que, individualmente, trariam constrangimento ou limitariam sua exploração, particularmente, quando esses se relacionam aos aspectos negativos¹⁰.

O fato de a pesquisa acontecer no ambiente natural ou no contexto onde o objeto de estudo está focalizado fortalece ainda a observação de padrões culturais, normas e regras de determinados serviços ou comunidades, que poderiam ser ocultadas ou não claramente observadas em entrevistas individuais ou por meio de outras estratégias de pesquisa^{4,10,11}.

As vantagens do uso do grupo como técnica de pesquisa podem ser também suas limitações, especialmente se os pesquisadores não considerarem aspectos inerentes à própria dinâmica de grupo ou ainda relacionados ao tipo de objeto, situação estudada ou componentes culturais de determinados serviços de saúde ou comunidade específica. Nesse sentido, a seleção dos participantes deve ser criteriosa para evitar, por exemplo, constrangimento por problemas de hierarquia, de opiniões divergentes ou vivências desviantes, marginais, pois estes podem se sentir excluídos ou expostos aos demais, o que se constitui em falha ética do pesquisador¹¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com a realização de pesquisa utilizando o grupo como estratégia na coleta de dados ou como o próprio objeto da investigação nos permite afirmar que, como toda estratégia de pesquisa, ela requer treino e compromisso ético com as pessoas que dele participam.

Utilizar o grupo para realizar pesquisa não é apenas reunir pessoas, pedir que discutam algum tema ou questão e registrar o resultado desse encontro. Como técnica advinda da Psicologia Social e se prestando aos estudos de abordagem qualitativa, requer sensibilidade e compromisso do pesquisador com o grupo com que trabalha, além de certa experiência no manejo grupal.

Grande parte do êxito dessa estratégia perpassa sobre a responsabilidade do pesquisador e de sua equipe em definir com clareza o objeto de estudo, os

objetivos da investigação, os pontos fundamentais que serão lançados ao grupo para discussão, para garantir confiança na condução e desdobramento do encontro. O planejamento, organização minuciosa e provimento dos recursos necessários são básicos no êxito da investigação.

Esse processo garante o enquadramento adequado da pesquisa, a fidedignidade e qualidade dos dados gerados no contexto do grupo, para que posteriormente sejam analisados a contento.

Pesquisar através do grupo é uma ação social e pode dar ao pesquisador condições para analisar vários aspectos em jogo na vida dos grupos pesquisados⁹.

Assim, destacamos que o sucesso do uso desse recurso se ampara em dois pontos principais que consideramos a base da investigação: a preparação/conhecimento do pesquisador sobre os princípios básicos da dinâmica de grupo e o enquadramento adequado do objeto de estudo aos valores culturais do grupo e da própria natureza do grupo.

Pensando ainda que a maioria das estratégias que usam o grupo como técnica de pesquisa pressupõe o retorno de dados ou discussão dos mesmos com o grupo, é fundamental a sensibilidade do pesquisador no momento da devolução ou divulgação desse material de modo que este permaneça ancorado nos princípios éticos de preservação da privacidade das pessoas ou da própria comunidade. De igual forma, é responsabilidade do pesquisador o cuidado de não gerar expectativas no grupo que não possam ser cumpridas ao final da pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Gondim LMP, Lima JC. A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso. São Carlos(SP): EDUFSCAR; 2007.
2. Stokes DE. O quadrante de Pasteur: a ciência básica e a inovação tecnológica. Campinas(SP): Editora da UNICAMP; 2005.
3. Minayo MC, organizadora. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis (RJ): Vozes; 2007.
4. Minayo MC. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Abrasco; 2007.
5. Angerami ELS. O mister de investigação científica do enfermeiro. Rev Latino-am Enfermagem. 1993; 1:11-22.
6. Carvalho V. Acerca de las bases teóricas, filosóficas, epistemológicas de la investigación científica: el caso de la enfermería. Rev Latino-am Enfermagem. 2003; 11: 807-15.
7. Barros ALB, Gutiérrez MGR, Michel JLM. Índices cientiométricos e a ciência de enfermagem brasileira. Acta Paulista Enferm. 2005; 18(4):v-viii.
8. Rocha SMM, Ogata MN, Arantes CIS. A inserção da enfermagem nas políticas de ciência e tecnologia. Rev Bras Enferm. 2003; 56:558-62.
9. Mailliot GB. Dinâmica e gênese dos grupos. São Paulo: Livraria Duas Cidades; 1981.
10. Lewin K. Dinâmica de grupo. São Paulo: Editora Cultrix; 1948.
11. Green J, Thorogood N. Qualitative methods for health research. Thousand Oaks: Sage Publications; 2004.
12. Bogdan R, Biklen S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos. Lisboa (Po): Porto Editora; 1994.
13. Morgan DL. Focus groups as qualitative research. Londres (UK): Sage Publications; 1988.
14. Thiollent M. Metodologia da pesquisa – ação. São Paulo: Cortez; 1992.
15. Polit DF, Hungler BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1995.
16. Tavares CMM, Teixeira ER. Trabalhando com representações sociais na enfermagem. In: Gauthier JHM, organizador. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1998. p. 51-9.
17. Trivinos ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 1987.
18. Munari DB, Medeiros M, Esperidião E. A utilização do grupo como técnica de pesquisa. In: Anais do 11º. Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem; 2001 maio 11-13; Belém; Brasil. Belém (PA): Associação Brasileira de Enfermagem; 2001. CD Rom.
19. Motta KAMB, Munari DB, Leal ML, Medeiros M, Nunes FC. As trilhas essenciais que fundamentam o processo e desenvolvimento grupal. Revista Eletrônica de Enfermagem. 2007; 9(1): 229-41.
20. Kamberelis G, Dimitriadis G. Focus Groups: strategic articulations of pedagogy, politics and inquiry. In: Denzin NK, Lincoln, organizadores. Qualitative research. Thousand Oaks(USA): Sage Publications; 2005.
21. Westphal MF, Bógus CM, Faria MM. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. Bol Oficina Sanitaria Panam. 1996; 120:472-82.
22. Munari DB, Padilha GC, Motta KAMB, Medeiros M. Contribuições para a abordagem da dimensão psicológica dos grupos. R Enferm UERJ. 2007; 15: 107-12.
23. Aschidamini IM, Saube R. Grupo focal: estratégia metodológica qualitativa – um ensaio teórico. Cogitare Enferm. 2004; 9(1): 9-14.

Recebido em: 11.09.2007

Aprovado em: 15.12.2007